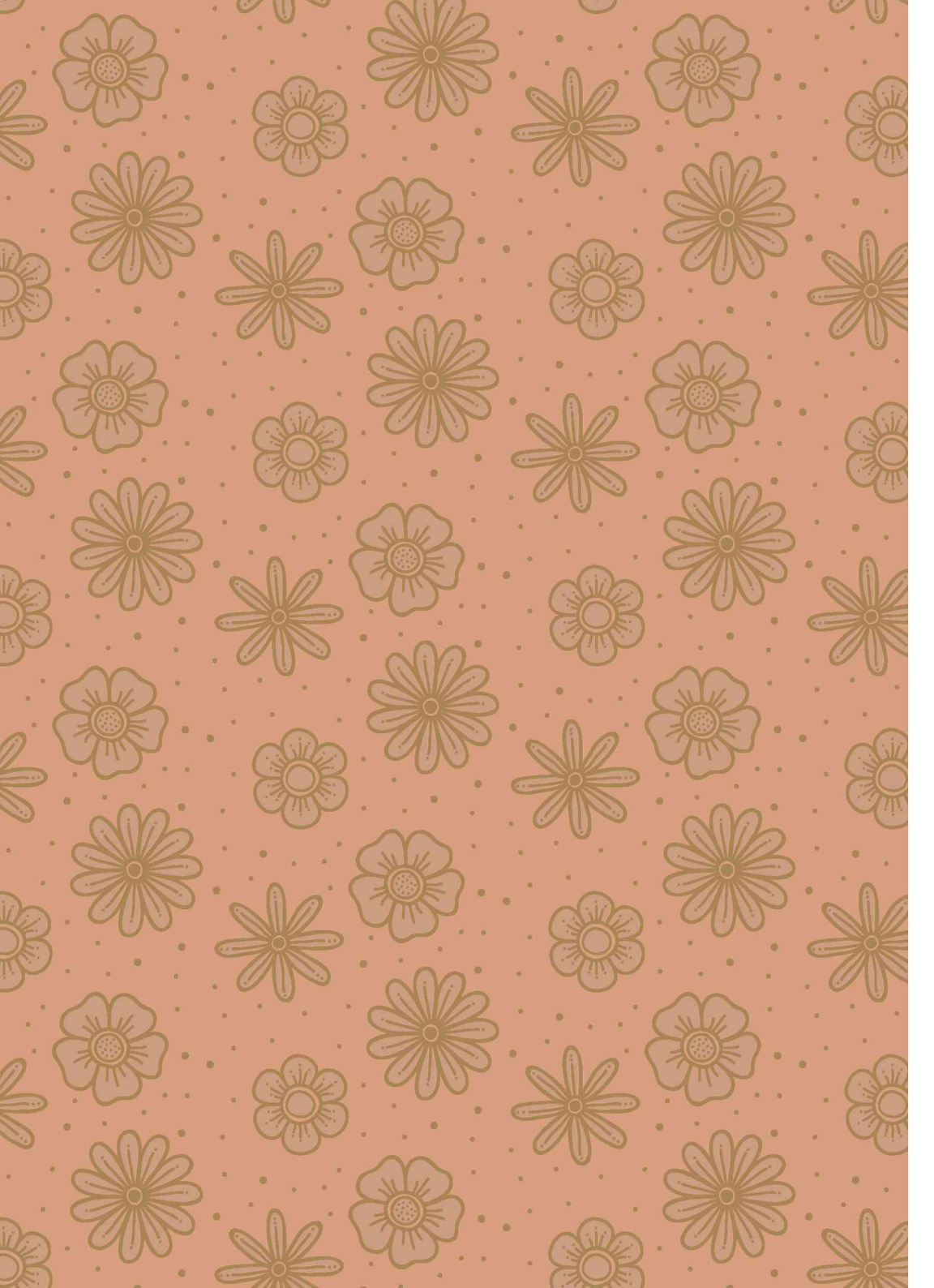


A história de Dona Alvarina

e do quilombo Cachoeira
dos Forros

Letícia Godinho de Souza





A história de Dona Alvarina e do quilombo Cachoeira dos Forros

Letícia Godinho de Souza

Belo Horizonte

Fundação João Pinheiro | 2017



NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

*Olá, eu sou o Max! E esta é minha avó,
Dona Alvarina! Moramos aqui no Quilombo
Cachoeira dos Forros, no interior de Minas
Gerais, no município de Passatempo.*

Esta casa de adobe, onde mora minha avó, foi construída por seus pais, há muitos anos. A história da vó Alvarina é, em muitos aspectos, muito parecida com a história de seus irmãos e parentes. É, afinal, a história dos moradores do Quilombo Cachoeira dos Forros e por isso vou contá-la para vocês!

Nosso quilombo é banhado pelo Rio Pará e possui, hoje, pouco mais de duzentos moradores, quase todos familiares entre si, distribuídos em 80 famílias. Nossos bisavôs e tetravôs são oriundos de Serra Leoa, um país da costa ocidental da África, que foram escravizados e trazidos ao Brasil, há muitos séculos. Seus descendentes, alforriados, foram os primeiros de nossos ancestrais a ocupar as terras do quilombo, que pertenciam ao Padre Antônio Rodrigues da Costa. Na primeira metade do século XIX, ele doou a terra para três casais de negros forros e, por isso, o local foi batizado assim: Cachoeira dos Forros.

Vó Alvarina nasceu no ano de 1934, não no quilombo, mas em uma fazenda de café no sul do estado, para onde seu pai, sua mãe e outros moradores do quilombo iam todos os anos para trabalhar na colheita do café. Vó Alvarina mudou-se do quilombo algumas vezes ao longo da vida, em busca de melhores oportunidades para si e sua família. Se tivesse ficado no quilombo, teria trabalhado apenas na colheita, ou, como ela mesma chama, na “panha” de café, um trabalho muito árduo e sofrido.

Morou em vários lugares de Minas Gerais. Vó Alvarina trabalhou como empregada doméstica e também na roça: em plantação de arroz, em colheita de milho... mas, principalmente, na “panha” de café. Diz que apanhou muito café, ao longo da vida e foi esse seu último serviço por 17 anos seguidos até se aposentar no ano de 2006. Já idosa, aos 72 anos, parou de ir, porque o dono da fazenda disse que não mais precisava dela.

Por muito tempo, todos os anos, os moradores do quilombo iam para a “panha” de café. Durante quatro ou cinco meses, geralmente de abril a setembro, todas as famílias da comunidade juntavam suas

“tralhas” e colocavam na boleia do caminhão enviado pelo fazendeiro. Em cima das tralhas, acomodavam-se adultos, crianças, idosos, todo mundo. Levavam também animais, como porcos e galinhas, que iam lhes servir de alimento. Não sobravam nada nem ninguém no quilombo! Assim, por alguns meses, todos os anos, o quilombo ficava deserto. Iam de caminhão recentemente; antigamente, de carro de boi. E só voltavam quando acabava o período da colheita.

Na fazenda de café, as famílias eram alojadas em barracões. As mulheres, além de trabalharem na colheita, tinham que dar conta da arrumação dos cômodos, de preparar a comida, de buscar água para o banho das crianças.

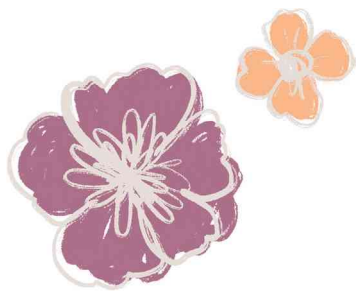
O trabalho na plantação começava cedo, por volta de 6h da manhã. Às 10h, paravam para almoçar. Ao meio-dia, era a hora do café. O trabalho terminava às 16h, quando todos voltavam para o alojamento. O trabalho acontecia, sobretudo debaixo do sol, e era feito por todos, inclusive pelas crianças maiores de oito anos. Era um trabalho muito sofrido!

A chamada “panha de café” era, ao mesmo tempo, uma tradição e uma “precisão” para o povo do Quilombo Cachoeira dos Forros, como vó Alvarina gosta de dizer. Uma tradição, porque seus ancestrais trabalharam nas fazendas de café do sul de Minas por mais de 70 anos! Uma “precisão”, ou seja, uma necessidade, porque sempre houve poucas oportunidades para os trabalhadores negros, mesmo depois da abolição da escravidão.



Você sabe por que sempre houve poucas oportunidades para os trabalhadores negros, mesmo depois da abolição da escravidão? Para entender essa parte da História, é importante entender o que são os quilombos e como se formaram.

Os quilombos eram principalmente localidades de refúgio de negros escravizados. A palavra "quilombo" tem origem Bantu – uma etnia africana – e significava originalmente "lugar de pouso", "acampamento". No Brasil, ganhou o significado de "acampamento guerreiro" ou "fortaleza", indicando se tratar de local de resistência e luta. Significava também "união". Assim, a palavra "quilombo" se refere às comunidades fundadas por negros escravizados, geralmente fugidos (mas não só), para resistirem ao sistema escravista e poderem viver juntos em liberdade. Seus habitantes são denominados "quilombolas".



Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

